

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A TEORIA DE HENRI WALLON E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO

Ana Paula Petroni¹

Paula Costa de Andrada²

Vera Lúcia Trevisan de Souza³

RESUMO

Este texto tem como objetivo apresentar a teoria de Henri Wallon e refletir sobre suas contribuições para a educação e a psicologia nos dias de hoje. Baseado no materialismo dialético, Wallon apresenta uma visão contextualizada de homem, cujo desenvolvimento se coloca intimamente ligado ao meio em que vive. A teoria biopsicogenética de Wallon postula o sujeito da perspectiva holográfica, em que o biológico, o afetivo, o cognitivo e o social se imbricam, formando um homem integral. Além disso, buscamos também as relações que o autor faz de sua teoria com a escola. O artigo conclui que, apesar de suas reflexões terem sido feitas há muito tempo, elas ainda são válidas e contribuem para a compreensão do cotidiano vivenciado por nós e pela escola.

PALAVRAS-CHAVE

Desenvolvimento humano; Henri Wallon; Biopsicogenética; Psicologia da Educação.

¹ Psicóloga formada pelo Centro Universitário Hermínio Ometto – UNIARARAS – Mestranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – Bolsista CAPES. E-mail: paulinhapetroni@yahoo.com.br.

² Professora da FAAT – Mestranda em Psicologia pela PUCCAMP – Bolsista CAPES e Psicóloga Clínica com Especialização pelo Instituto de Psicologia da USP. E-mail: p.andrada@uol.com.br.

³ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCAMP.

ABSTRACT

These paper aims at analyzing the Henri Wallon's theory and makes a reflection about his contribution to educational psychology in the present days. His theory is based on the dialectic materialism and proposes a contextualized view of the human being. The Wallon's biopsychogenetic theory observes the person in a holographic point of view meaning that biology, emotions, cognition and culture influence and shape the development of human being. Besides that, we discuss the relations that the author brings to school's subjects. The article finally concludes that, even the Wallon theory were developed in the beginning of XX century, it remains updated and contributes to the understanding of school's day life.

KEY WORDS

Human development; Henri Wallon; Biopsychogenetic; Educational Psychology.

INTRODUÇÃO

Como lidar com as emoções? Quais as suas bases? Existe diferença entre emoção e sentimento? Qual o papel das emoções na Educação? Quem poderia nos ajudar a compreendê-las?

Essas questões, que estão presentes em nosso dia-a-dia, fizeram parte constantemente de nossas reflexões durante uma disciplina do curso de Mestrado que tratava da teoria de Wallon. Ao longo desses encontros fomos tomando conhecimento e nos aproximando cada vez mais, mesmo que não profundamente, das idéias desse teórico que tão bem descreve o sujeito, a pessoa completa como ele mesmo dizia, e os aspectos que envolvem seu desenvolvimento e suas condutas.

Com isso, outras questões foram surgindo, tais como: de que forma Wallon compreendia o sujeito? Como ele descreveu o desenvolvimento? Qual o caminho percorrido por ele em suas reflexões? Qual o papel que ele atribui à Educação nesse contexto?

Nesse artigo teórico buscamos apresentar e discutir alguns pontos que podem nos ajudar a compreender todas essas questões. Advertidos que a leitura da obra de Wallon não é fácil, devido à forma de o autor escrever e de como foi desenvolvendo sua teoria, lembrando também de sua formação e da época em que vivia. Por acreditar que o desenvolvimento do psiquismo tinha por base aspectos biológicos, Wallon se apoiava na psicogenética para estudar os comportamentos apresentados pelo sujeito.

Acreditamos que para uma melhor compreensão do que será apresentado a seguir, faz-se necessário situar o autor, fazendo assim um caminho que é justificado pela base teórica e por aquilo que o autor acreditava, isto é, que o sujeito é social, é contextualizado, tem uma história que o constitui ao mesmo tempo em que ele é constituído.

Henri Wallon (1879-1962) foi muito ativo ao longo de seus oitenta e três anos de vida, participando das duas grandes guerras. Médico pediatra e psicólogo dedicou-se ao desenvolvimento de uma teoria psicogenética, buscando compreender como o psiquismo do sujeito se desenvolvia, se transformava, desde suas raízes, ou seja, desde suas bases biológicas. Ele dizia que toda pessoa deveria ser tratada e olhada com respeito, independente de sua condição, o que o faz coerente com a teoria que desenvolveu, já que se preocupava com o olhar lançado ao sujeito de suas pesquisas, buscando aquilo que estava além do evidente (MAHONEY e ALMEIDA, 2006; TRAN THONG, 2007).

Além do interesse pela forma como se dava o desenvolvimento da pessoa, Wallon também se dedicou à educação, aos processos que envolviam o ensino e a aprendizagem da criança, ao papel do professor e como a afetividade se relacionava com a aprendizagem. Exemplos da sua dedicação à Educação foi sua participação na reformulação da educação francesa, como secretário geral do Ministério da educação, quando elaborou o projeto conhecido por Langevin-Wallon e suas publicações sobre educa-

ção, dentre elas a obra intitulada *Psicologia e educação da criança* (1979 - data da tradução para o português).

Mesmo que suas reflexões tenham sido feitas no início do século passado, têm como objeto questões que ainda encontram-se presentes no cotidiano escolar e, sobretudo, permanecem como desafios à Psicologia na atualidade.

Podemos observar ainda nos dias de hoje, que há nas escolas, nos consultórios médicos e psicológicos, muitos diagnósticos infantis depositando nos fatores biológicos ou psíquicos das crianças as causas de suas patologias. Essa situação demonstra a existência de uma crença nas patologias das crianças ditas crianças-problema, e uma enorme quantidade de medicamentos e tratamentos psicológicos recomendados como caminho para a cura. Para Zucoloto (2007), estes procedimentos advêm do modelo médico em que os discursos dos problemas infantis envolvem uma concepção de doença, incapacidade ou deficiência. Porém, a autora declara que estas explicações seriam limitantes se partimos do princípio que estamos diante de um tema que abrange uma esfera familiar, social, política, e não só uma problemática biopsicológica.

Vale lembrar aqui, que, infelizmente, assistimos hoje à volta da medicalização no campo da psicologia escolar, que constitui-se como prática muito presente nas escolas e que os psicólogos não podem contribuir para sua disseminação, como aconteceu no passado, quando ao adentrar nesse espaço, muitos profissionais faziam a promessa de resolver todos os problemas pelos quais as crianças estavam passando, buscando causas biológicas para explicação de suas condutas classificadas, por muitos, como desviantes. (PATTO, 2000; ANTUNES, 2003; BOCK, 2003). Contudo, hoje sabemos que essa prática não contribui para o desenvolvimento e compreensão do sujeito e do processo educativo e que com essa atitude não é possível ao psicólogo resolver os problemas da escola. Assim como nos aponta Souza (2005), o foco

do psicólogo deve se voltar para as subjetividades produzidas nas relações estabelecidas entre os atores escolares e para o que elas também produzem nesse sujeito que é histórico, social, cultural.

A nosso ver, é exatamente nesse ponto que a abordagem histórico-cultural pode nos ajudar a compreender o que acontece nos meios educacionais e no desenvolvimento dos sujeitos aí presentes, já que ela leva em consideração toda a historicidade do aluno, todos os aspectos que influenciam o desenvolvimento humano.

Com essa breve explanação, seguiremos no próximo item apresentando os principais pontos da teoria de Wallon que aqui nos interessam.

A Teoria de Wallon

A teoria do desenvolvimento elaborada por Wallon, assim como outras, não consegue explicar todos os movimentos e transformações pelos quais o sujeito passa durante sua vida, mas nos permite olhar, de forma complexa, o caminho percorrido desde o nascimento até a fase adulta. Esse autor foi um dos únicos que chegou a tratar de desenvolvimento durante a velhice, já que para ele, o sujeito não pára de se desenvolver.

O que mais nos chamou a atenção na teoria de Wallon foi que, para realizar seus estudos e desenvolver a sua teoria, ele seguiu o caminho inverso de outros teóricos. Partindo das crianças que apresentavam alguma patologia, Wallon formulou sua teoria. Para ele, o processo de desenvolvimento nessas crianças era mais lento, o que permitia que se verificasse com mais facilidade as transformações que ocorriam com os sujeitos, para, assim, poder compreender o desenvolvimento das crianças ditas normais. (WALLON, 2007).

Wallon (1979) possui um ponto de vista sobre as patologias do desenvolvimento que são bastante pertinentes aos dias de hoje onde as crianças recebem toda a “culpa” por qualquer problema de

conduta. Para o autor este ponto de vista seria restritivo porque ele vê na criança com problemas apenas um dos indicativos de que algo não vai bem. Ele denomina sua teoria de biopsicossocial porque aborda o ser humano desde seus fundamentos filogenéticos (biológicos), psíquicos, mas, principalmente, suas influências sociais. Wallon vê no meio ambiente um fator primordial para estabelecer condições de desenvolvimento para a criança. Se o meio está em desequilíbrio, a criança será apenas um reflexo do mesmo.

Estudar o desenvolvimento infantil para Wallon é olhar como o sujeito se constitui através das suas trocas com o ambiente, mas também focalizando seu potencial genético. Desde o momento do nascimento já sofremos a influência do social – a mãe e a família. E ao mesmo tempo esta família enquanto meio se modifica pelo sujeito que acabou de chegar. Aspectos orgânicos junto com as incitações socioculturais vão determinando as etapas de evolução da criança e possíveis processos patológicos. Através das noções de movimentos motores, tensões, emoções e sentimentos, linguagem e de trocas com o meio, Wallon propõe uma noção de sujeito completa e atual. É a partir de todos estes aspectos integrados que a criança vai se construindo através da diferenciação dos outros que a cercam. E é justamente na diferenciação que há desenvolvimento. Como em um tecido, biologia, afetividade, inteligência e o meio (família, escola, amigos, cultura) se entrelaçam constituindo o sujeito (MAHONEY E ALMEIDA, 2006).

Para Wallon (1971; 1979), desenvolver-se é diferenciar-se. Corpo, cognição, afetividade estão em permanente modificação e interação com o meio social. A conjunção de todos estes aspectos é que constituem o sujeito fazendo com que ele esteja sempre em processo de transformação. O desenvolvimento não pode ser visto como puramente intelectual. Wallon cita que as capacidades intelectuais estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da personalidade e estas também estão ligadas com as condições do meio. Assim, falar de desenvolvimento da inteligência é falar das

relações sociais, pois o homem constitui-se como tal, a partir de suas interações.

Conseqüentemente, para olharmos as patologias dentro de uma ótica walloniana, teremos que olhar os aspectos biológicos e psicológicos do desenvolvimento da criança, mas também as circunstâncias que a envolvem, como sua família, sua escola, seus amigos, todo o ambiente onde ela está inserida. Esta análise, feita por Wallon no livro, *“A criança turbulenta”* (2007), busca compreender as patologias infantis de forma contextualizada, em que os fatores intelectuais, afetivos, motores não podem ser vistos de forma isolada do meio. Ao explicar as condutas infantis da criança sem isolá-la do ambiente em que ela vive Wallon contribui para que se saia da “culpabilização” e se tire o peso de cima da criança. Ao tirar o foco dela e expandi-lo para o ambiente, permitimos um olhar menos estereotipado e julgador, mas também, ampliamos as chances de um tratamento mais humano e eficiente. Portanto, uma criança que apresenta alguma patologia, pode, na verdade, estar sendo o reflexo, por exemplo, de uma família, escola ou grupo social em desequilíbrio.

Lembramos aqui que, os principais conceitos trabalhados por Wallon em sua teoria, foram a integração e a afetividade (MAHONEY e ALMEIDA, 2006).

Segundo Mahoney e Almeida (2006), a integração seria o eixo principal do processo de desenvolvimento e caminharía em dois sentidos: organismo-meio e cognitiva-afetiva-motora. A primeira diz respeito à perspectiva psicogenética da teoria de Wallon, ou seja, para ele o desenvolvimento do sujeito se dá a partir da interação entre os fatores biológicos e sociais presentes. Para compreender a criança é preciso estudar o meio em que ela está inserida.

Wallon deixa clara a importância do organismo no desenvolvimento quando faz uma bela descrição dos movimentos,

das reações orgânicas presentes no sujeito desde bebê, que dão origem aos comportamentos e sentimentos do adulto (1971; 1979).

A outra integração (afetiva-cognitiva-motora), nos leva ao que Wallon chamou de conjuntos funcionais, que, para ele, são “constructos de que a teoria se vale para explicar o psiquismo, para explicar didaticamente o que no concreto é inseparável: o indivíduo” (MAHONEY e ALMEIDA, 2006).

Em cada fase do desenvolvimento há o predomínio de um determinado conjunto funcional, o que não significa que os que não estão aparentes desapareceram, ao contrário, eles estão lá, mas devido à alternância, um se sobrepõe ao outro. Sendo assim, ora há a predominância do conjunto afetivo (responsável pelas emoções e sentimentos), ora do conjunto motor (que são todos os movimentos apresentados pelo sujeito – deslocamento, postura, etc.) e ora do conjunto cognitivo (responsável pelas funções de aquisição do conhecimento, pela memória, pela capacidade de planejar, etc.) (MAHONEY e ALMEIDA, 2006).

Há, ainda, de acordo com Mahoney e Almeida (2006), um quarto conjunto funcional: a pessoa; que é a representação da integração.

O que podemos compreender disso tudo, da forma como Wallon via a pessoa, é que não podemos desmembrar, querer entender um sujeito em partes separadas. É preciso que olhemos para o sujeito como alguém completo, que possui uma cultura, um social que o constitui, mas ao mesmo tempo é constituído por ele, além das questões biológicas que estão influenciando essas transformações. O autor nos chamou a atenção, principalmente dos psicólogos, para o corpo, dizendo que o olhar precisaria ir além, que nem tudo é resultante de um psiquismo conturbado, se assim podemos dizer, mas que há também um corpo, um organismo que pode resultar em algo, sem contar que a afetividade está presente sempre na sua constituição.

Em relação à afetividade, no início deste texto fizemos algumas perguntas que se relacionam com as emoções, seu papel no desenvolvimento, a diferença entre elas e os sentimentos. Já falamos um pouco sobre o conjunto afetivo e sua implicação no desenvolvimento, então, agora, abordaremos um pouco mais essa questão.

Mahoney e Almeida (2006) apontam que há três momentos na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. A afetividade é a capacidade de afetar e ser afetado pelo mundo externo e interno do sujeito.

A emoção se faz importante no desenvolvimento do sujeito porque permite, ou melhor, tem uma função biológica, social e edifica o humano, transformando-se em

Wallon (1971) coloca que a emoção está ligada às vísceras, aos músculos, ou seja, ela é do corpo, é a tensão acumulada que faz com que o sujeito se sinta bem ou não, e é expressa de várias formas que, ao longo do desenvolvimento, vão se diferenciando: raiva, medo, tristeza. Cada movimento, cada tensão do corpo, cada choro ou riso, é uma emoção.

A emoção possibilita a evolução mental, pois ela estimula mudanças, faz com que o sujeito se movimente em direção ao externo, estendendo-se ao ambiente, reproduz o que existe em seu meio e estabelece comunicação. Ela é a exteriorização da afetividade. (MAHONEY e ALMEIDA, 2006). Nas palavras das autoras:

É uma forma concreta de participação mútua, é uma forma primitiva de comunhão que se apresenta nos ritos coletivos, que funde as relações interindividuais, que funde os indivíduos e as circunstâncias exteriores, é um instrumento de sociabilidade que une os indivíduos entre si. (p. 61).

Vemos, então, que as emoções estão no campo do fisiológico, do concreto, da ação imediata. No entanto, Wallon nos diz que as emoções precisam evoluir, passar desse campo do

concreto para o campo da representação, se transformando em sentimentos.

Almeida (2006) relata que o sentimento é a representação da afetividade, é quando somos capazes de pensar antes de agir, de refletir sobre o que aconteceu, sobre nossos atos, por meio da linguagem. Sendo assim, podemos dizer que, devido ao desenvolvimento, o adulto tem muito mais capacidade de representar do que a criança.

Acreditamos, também, que seja importante que as emoções evoluam para os sentimentos, pois, assim, abre-se espaço para que novas emoções surjam. Além disso, é importante dizer que as emoções não podem aparecer todas ao mesmo tempo, pois o sujeito não daria conta de lidar com toda essa impulsividade, emotividade, mas que também, nem todas as emoções podem ser representadas, para que ele deixasse de ser menos humano.

Por fim, há a paixão, que se caracteriza pelo autocontrole, pela tentativa de controlar a situação. Nela encontram-se os ciúmes, as exigências, etc.

Podemos dizer que Wallon colocou a afetividade no centro de seus estudos, para ele ela é uma das bases para a compreensão do pensamento e da ação do sujeito.

Entendemos que esses pontos se relacionam ao contexto escolar, já que o concebemos como espaço promotor de desenvolvimento ao se constituir de relações estabelecidas entre os atores institucionais. A seguir, apresentaremos algumas considerações sobre este tema e as contribuições de Wallon para sua compreensão.

As Contribuições de Wallon para a Educação e o Papel da Psicologia

Ao pensarmos na escola como promotora do desenvolvimento do sujeito, nos vêm as perguntas: mas por quê? Como o professor pode desenvolver ações nessa direção? Qual o papel da Psicologia?

Já em sua época, Wallon (1979) fez considerações sobre a responsabilidade da escola diante de aspectos que possam influenciar a criança. Dentre elas, ele destacou a importância do meio para o sujeito, a escola surge como um dos principais ambientes sociais, afetivos e cognitivos na formação das crianças. Ele criticava também os testes, por serem pré-concebidos. O importante era olhar para os fatos e perguntar para o sujeito, para depois refletir.

A escola, como promotora ideal do desenvolvimento, deveria estimular os vínculos de cooperação, trabalho em equipe e o espírito de solidariedade, e não destacar as individualidades, o preconceito, as rivalidades, a dominação do outro e a competição, como vinha fazendo. O papel da escola passa a ter uma relevância muito grande para que o sujeito se forme de maneira equilibrada, mas que, muitas vezes, o comprometimento das instituições educativas passa longe do seu papel de educar. Ele destaca que, na falta das condições ideais de exploração de todo o seu potencial de desenvolvimento, a criança sofreria reflexos que influenciariam sua conduta dentro e fora da escola (WALLON, 1979).

Em todo esse contexto, encontramos o professor, que muitas vezes não sabe lidar com o aluno, com os comportamentos, com as emoções, tanto suas como desses alunos. Para o professor, seria muito importante ele conhecer como se dá o desenvolvimento da criança, em que fase ela se encontra, quais os recursos que ela tem para a aquisição do conhecimento, o modo como ela aprende, assim ele poderia planejar sua aula de modo que atendesse as demandas dos alunos.

Mahoney e Almeida (2006) fizeram uma boa análise do papel do professor por meio da teoria de Wallon, mostrando qual seria o papel da afetividade na aprendizagem.

As autoras pontuam que o processo de ensino-aprendizagem é fundamental para o trabalho do professor e que, a partir do momento em que o ele conhece e compreende como esse processo se dá e a importância da afetividade, sua prática e sua formação caminham para a melhoria. O ensino e a aprendizagem

não podem ser analisados separadamente, como cada um sendo uma coisa, pois eles se complementam e nesse contexto há de se considerar também a relação professor-aluno, em que cada um possui uma bagagem histórica, cultural, de seres concretos que pertencem a outros grupos e meios, para além daqueles da escola, devendo ser respeitadas essas singularidades. O grande desafio do professor é enxergar o aluno em sua completude, pois ele – professor – nunca foi assim considerado.

Concordamos com Wallon (1979), quando ele diz que a contribuição da Psicologia para esse campo é a de auxiliar o professor na compreensão desse sujeito como completo, como concreto. O psicólogo escolar deveria ser o mediador dessa relação já que, assim como nos lembra Souza (2005), o seu objeto são as subjetividades produzidas nas e pelas relações estabelecidas entre os atores escolares.

Há de se considerar que professor e aluno têm interesses diferentes dentro da escola e, o mais importante, são sujeitos diferentes, cada um constituindo-se por meios diferentes, e quem pode auxiliar nesse processo de construção de um novo olhar, levando-se em consideração a afetividade (no sentido dado por Wallon: de afetar e ser afetado) é o psicólogo, já que ele é o profissional que conhece, ou pelo menos deveria conhecer, o modo como o sujeito se desenvolve e aprende, auxiliando então o professor em seu cotidiano. Contudo, vale ressaltar que esse é um papel de mediador e não de tomar o lugar do professor no processo de ensino-aprendizagem.

Conclusão

Conhecer a teoria de Wallon foi algo muito gratificante para nós, independentemente da dificuldade que é fazer a leitura de sua obra, devido aos termos extremamente técnicos e biológicos por ele utilizados, agravados pelas características da época em que foi produzida.

Contudo, lê-lo nos faz ver como ele foi coerente com a base teórica que escolheu para elaborar seus escritos (o materialismo

dialético), pois a todo o momento ele coloca o sujeito, ou a pessoa como ele dizia, como completo, concreto, que possui raízes e, ao mesmo tempo, dinâmico, em permanente constituição. E para elaborar seus textos ele seguia exatamente este caminho: ia ao fundo, à base de tudo para chegar à explicação dos fenômenos psicológicos.

Apesar dos anos que sua obra já tem, suas reflexões ainda são válidas e ainda possuem muita contribuição para as situações vivenciadas por nós e o que é melhor, a nosso ver, abre caminhos para novas reflexões, como por exemplo, pensar na autonomia construída pelos alunos e professores na escola, na construção e aquisição de valores, em trabalhos que possam envolver o corpo (mesmo em outras áreas que não a Educação e a Psicologia), trazendo resultados benéficos ao desenvolvimento humano.

Na parte que nos cabe, dizemos que a Psicologia deveria beber e muito da teoria de Wallon, principalmente por que ele coloca que há outros motivos para alguma patologia, algum transtorno, sem ser algo somente psicológico, cognitivo. Ele nos abre os olhos para a integração, para a contextualização, para a afetividade, para o corpo.

Com o que foi apresentado até aqui, o que podemos dizer é que Wallon trouxe muitas contribuições para a compreensão do ser humano. Ele fez com que olhássemos para o sujeito como alguém completo, pleno de potencial para se desenvolver, independentemente de eventuais distúrbios que possa apresentar.

Bibliografia

- ALMEIDA, L.R., Wallon e a educação In: MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R.(orgs.) *Henri Wallon: psicologia e educação*. 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- ANTUNES, M. A. M. Psicologia e Educação no Brasil: um Olhar Histórico-Crítico. In: MEIRA, M. E. M. & ANTUNES, M. A. M. *Psicologia Escolar: Teorias Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p.140-168.

- BOCK, A.M.B. Psicologia da Educação: Cumplicidade Ideológica. In: MEIRA, M.E.M.; ANTUNES, M.A. (orgs.). *Psicologia Escolar: Teorias Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 79-103, 2003.
- MAHONEY, A.A.; ALMEIDA L.R. Afetividade e Aprendizagem. In: *Revista Viver Mente & Cérebro*. Coleção Memória da Pedagogia: educação no século XXI; perspectivas e tendências. Editor: Manuel da Costa Pinto. [colaboradores: Moacir Gadotti, et al].- Rio de Janeiro: Relume Dumar: Ediouro; São Paulo: Segmento – Dueto. n. 6, pp. 56-65, 2006.
- PATTO, M.H.S. *A produção do fracasso escolar – histórias de submissão e*
- SOUZA, V.L.T. *Escola e construção de valores: desafios à formação do aluno e do professor*. São Paulo: Loyola, 2005.
- TRAN THONG. Prefácio. In: WALLON, H. *A Criança Turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Tradução de Gentil Avelino Titton. (Coleção Textos Fundantes de Educação) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-39.
- WALLON, H. *As Origens do Caráter na Criança: os prelúdios do sentimento de personalidade*. Tradução de Pedro da Silva Dantas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.
- _____. *Psicologia e educação da criança*. Lisboa: Veja, 1979.
- _____. *A Criança Turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Tradução de Gentil Avelino Titton. (Coleção Textos Fundantes de Educação) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ZUCOLOTO, Patrícia Carla Silva do Vale. O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar. *Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano*, abr. 2007, vol.17, no.1, p.136-145. rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.